

## AULA 6 – AS TRANSFORMAÇÕES E SEUS IMPACTOS

O processo de mudança do modelo de sociedade industrial capitalista para a sociedade em rede e a rapidez dos avanços tecnológicos gerou um conjunto de conhecimentos, dos quais precisamos, para compreender as transformações que ocorrem no mundo e na sociedade, atualmente. É como se tivéssemos o tempo todo a nossa volta, vários objetos de aprendizagem disponíveis, dos quais sentimos que precisamos nos apropriar. Será?

No entanto, a ideia que emerge do senso comum - de que vivemos em uma sociedade tecnológica, apenas neste momento, precisa ser verificada, a partir de uma reflexão mais cuidadosa.

Quando o homem inventou o fogo, ou o machado com pedra e madeira estava produzindo recursos que potencializavam as suas capacidades, então, podemos afirmar que o homem produz tecnologia, desde que o mundo é mundo...

### ***Sexta parada: tantas mudanças causam impactos sobre quais aspectos da sociedade? De que maneira?***

Até aqui tratamos do percurso das transformações ocorridas na sociedade, em função dos avanços tecnológicos, ao longo da história recente. No entanto, seria ingênuo pensar que tais transformações não teriam impactos ou que não causariam modificações em todas as esferas da sociedade.

---

De acordo com Castells, “a formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam nova vida em nosso tempo transformando-se em redes de informações energizadas pela internet”<sup>1</sup>. As redes de relacionamento e de contato sempre existiram por meio da troca de informações entre as pessoas, feita de diferentes maneiras: pela transmissão das tradições orais, pela correspondência, pela organização de grupos em torno de interesses comuns – como a organização de fãs clubes; sempre em busca de maneiras de reunir para a troca de informações e para convivência.

<sup>1</sup> CASTELLS, 2003.P. 7

O que muda, a cada época, é o tipo recurso tecnológico usado para a organização e criação dessas redes. Com o advento da internet, a criação de redes e de comunidades organizadas por diferentes grupos tem seu potencial ampliado quase que infinitamente, tal o número de possibilidades que a rede oferece.

A discussão que se apresenta será focada nos impactos que a organização da sociedade em rede causa na atividade humana e na forma de viver e pensar de cada um.

Um aspecto importante desses impactos origina-se no potencial revolucionário que a internet oferece, por suas características básicas: flexibilidade, ampliação das possibilidades de conexão e de ligação entre as pessoas, a rapidez com que se acessam e se organizam os grupos e, ainda, sua natureza de criação livre, sem as amarras do excesso de regulação de um Estado ou de uma única instituição de controle.

A internet, por sua configuração fluida e com alcance ilimitado de comunicação e de interação, constitui-se em ferramenta com potencial revolucionário, uma vez que permite que as pessoas se organizem e se mobilizem para diferentes fins. A partir desse pressuposto, ganha forte caráter de espaço de produção de contracultura.

Aqui, retomamos a reflexão acerca do uso deste potencial revolucionário em diferentes direções, sejam elas positivas ou negativas, de acordo com cada ponto de vista. Trata-se de uma questão complexa, quando paramos para pensar sobre como as pessoas colocam a rede a serviço de quais propósitos ou “de quem”.

Podemos falar de contracultura quando Castells recupera em Barthes e Baudrillard<sup>2</sup> o conceito de que toda cultura consiste em um processo de comunicação que, de forma geral, se manifesta na produção e consumo de sinais, e em alguns casos, se manifesta no poder alienante que mídia de massa exerce sobre os sujeitos.

Eco<sup>3</sup> reforça a ideia de que a cultura de massa, produzida pelos *mass media*, é fabricada para padronizar, homogeneizar a sociedade, impondo a todos, os padrões de uma única e determinada cultura considerada dominante.

Por esse motivo, Castells argumenta que as características da criação e da evolução da internet, como uma rede aberta e , ainda, sem um controle direto de uma única determinada instituição, tem o potencial de criação de uma contracultura, ou seja, de uma cultura que vá pela contramão da cultura de massa, produzida para a alienação e para a afirmação de uma única cultura como instrumento de poder e dominação.

Sob essas condições, a internet, uma tecnologia obscura sem muita aplicação além dos mundos isolados dos cientistas computacionais, dos hackers e das comunidades contraculturais, tornou-se alavanca na transição para uma nova forma de sociedade – a sociedade em rede e com ela para uma nova economia.<sup>4</sup>

A afirmação acima nos permite verificar que, desde então, o autor reconhece que a internet tem uma face que é “obscura”, ou seja, uma internet que não será passível de controle, que talvez possamos identificar, hoje, como exemplo a “deep web”. Por mais que sejam criados protocolos de regulação e monitoramento, a internet permanece a ser um território no qual quem domina o conhecimento necessário para ultrapassar estas barreiras, consegue fazer um “uso livre” da rede, independentemente da intenção ou da finalidade.

Sabemos que os impactos da mudança do modelo de sociedade afetam directamente as esferas da economia, da cultura, da política. Neste estudo propomos uma análise dos principais aspectos que se alteram, principalmente na economia, na cultura. A discussão sobre a política não será abordada, verticalmente, mas não podemos dizer que não estará presente, porque a neutralidade absoluta, em relação à política não é possível. A política torna-se, nesse momento, um pano de fundo no cenário para a análise que faremos mais adiante, da relação entre os impactos das mudanças e a formação humana. Nesta aula, iniciaremos a reflexão, a partir dos aspectos relacionados à economia.

## **No âmbito da economia**

O impacto das transformações sobre a economia aparece sob a forma de organização dos mercados globais e das operações financeiras que transcendem a territorialidade geográfica. Tais acontecimentos são possíveis principalmente em função dos efeitos do processo de globalização iniciado em sua força, no início da década de 1990. Uma das compreensões possíveis do processo de globalização é percebê-lo como um fenômeno que se originou da possibilidade de interconexão que virou realidade com os avanços das tecnologias digitais e a ampliação do acesso a internet.

A globalização pode ser compreendida como interligação de sistemas econômicos, culturais, políticos do mundo todo, que tem várias faces, todas complexas. Algumas podem ser muito boas outras podem ser perversas, com efeitos como a exclusão social, marcada pela impossibilidade de acesso de determinadas camadas da população às formas de conexão, que ainda é real, bem como a crise financeira de escala mundial da qual estamos tentando sair, há pelo menos uma década.

Ainda, se considerarmos o agravamento desta crise com o advento da Pandemia de COVID 19, talvez fique ainda mais claro que a crise existe e não é apenas uma crise econômica mundial, mas sim uma crise do modelo social-capitalista que mostra debilidade e insuficiência há bastante tempo. O problema que afeta um país ou população em um determinado local do mundo, com a dinâmica de uma economia globalizada acaba afetando a todos, como comprovamos de forma dolorosa, durante a pandemia iniciada 2020, com efeitos graves na economia mundial, ainda hoje.

Um dos impactos da globalização foi, justamente, a mundialização da economia. Esse aspecto particularmente nos interessa, em função da questão do desemprego estrutural e as novas formas de trabalho que surgiram dessa lógica de funcionamento dos mercados. Apesar dos avanços e das mudanças profundas que vivemos, e que ainda estamos “digerindo”, impulsionadas pela pandemia, a realidade do desemprego que foi prevista, perdura e se agrava, não apenas como desemprego estrutural, mas pelas novas formas de trabalho (ou sub-trabalho) que existem hoje. Tanto a falta de trabalho formal, quando o aumento do trabalho informal, nos levam a refletir sobre a complexidade desta questão, como as polêmicas recentes sobre o vínculo de trabalho dos entregadores de comida, ou dos motoristas de Uber, por exemplo. Trabalhar por conta própria ou

trabalhar no mercado informal para não passar fome?

Outro ponto que hoje é complexo e está em discussão é a mudança profunda nas relações de trabalho, a considerar o trabalho remoto, o modelo híbrido, suas características, a remuneração, os direitos e deveres de cada parte, cujas perguntas e lacunas ainda são muitas. Todas estas mudanças, que ainda estão em curso, afetam directamente a economia e o modelo de mercado que tínhamos até o ano de 2019.

Schaff<sup>5</sup>, e forma quase visionária, afirma que o desemprego estrutural é um problema quase inevitável, porque não se trata apenas da falta de postos de trabalho, mas sim de uma reorganização total das formas de trabalho na sociedade. Essa reorganização pode ser causada tanto pela substituição do homem pelas máquinas como pela reformulação do modelo “econômico industrial-capitalista” ou de livre mercado, para um novo modelo, ainda em processo de construção.

Podemos confirmar essa proposição pelo momento que vivemos, na atual crise econômica mundial. A partir desse contexto de crise, o trabalho ganha nova significação, porque não temos mais o formato de sociedade em classes, que definia claramente as formas de trabalho exercidas pelo homem. Para o autor, os novos postos exigem o domínio das novas tecnologias e a atividade intelectual predominará sobre a atividade laboral tradicional; a dimensão humana predominará sobre o tecnicismo. Eu diria que Schaff acertou em cheio!

O que vemos na realidade é a confirmação dessa afirmação, pela urgência que se observa na procura de cursos de formação continuada, presenciais ou a distância, por trabalhadores que percebem que, se não atualizarem, permanentemente, seus conhecimentos, estarão fadados à exclusão do mercado. É um momento que gera ansiedade, porque temos a sensação de que estamos sempre desatualizados, tem sempre alguma coisa que “precisamos saber” – riscos de hiperconexão...

---

<sup>5</sup> Idem.

Apesar de reconhecer na proposição vários indicadores que se confirmaram com o tempo, precisamos estar atentos ao excesso de previsões para um futuro que ainda não está construído. Podemos encontrar fatores de risco e variáveis inesperadas, como a pandemia de COVID 19 que vivemos recentemente e catástrofes naturais causadas pelo aquecimento global, que são uma realidade, gerando mudanças drásticas e inesperadas que podem derrubar qualquer previsão realizada.

Nesse sentido, o que podemos fazer é relativizar o que se propõe como previsão e pensarmos nas possibilidades. Uma delas é verificar como podemos formar sujeitos para “novos trabalhos” que ainda estão em processo de mudança e aqueles que ainda nem sabemos como serão, a partir dos indicadores apresentados pelos estudos e pesquisas. Não sabemos se assistiremos a formação de uma sociedade caracterizada pela cisão entre os que detêm o conhecimento – e que por isso passam a configurar a força produtiva - e os que não detêm esse conhecimento e, por esse motivo, serão excluídos. Sabemos apenas que é preciso pensar no que faremos para evitar essa cisão, agora e sempre, e trabalhar com a produção de conhecimento como instrumento de transformação social.

De acordo com essa perspectiva da cisão, German<sup>7</sup> aponta uma sociedade dividida em apenas duas classes: os on-line e os off-line. Essa cisão da sociedade<sup>8</sup> poderia ser questionada pelo aumento na quantidade de pessoas que têm acesso às tecnologias digitais de comunicação e informação. No entanto, sabemos que a distribuição desse acesso foi ampliado, gerando um processo de democratização, mas em alguns planos, sabemos que ainda se dá de maneira irregular e sem critérios claros que nos permitam dizer em quais camadas da sociedade ele se amplia mais rapidamente.

---

<sup>6</sup> Entre 1990 e 2008 o número de cursos de pós-graduação cresceu 100% no Estado do Rio de Janeiro. Fonte: <http://noticias.cefet-rj.br/2009/07/03/pesquisa-traca-um-diagnostico-detalhado-da-realidade-da-pos-graduacao-stricto-sensu-fluminense/> em 04/08/2009. 21h

<sup>7</sup> GERMAN. 2001.

<sup>8</sup> O conceito de classe apresentado aqui é o mesmo apresentado em Marx, no Manifesto Comunista, que apresenta uma divisão da sociedade em dois grupos, um primeiro que detém os meios de produção e um segundo que vende para o primeiro a sua força de trabalho. Nesse sentido, elas estarão sempre em campo opostos e em permanente estado de luta. (MARX, 2005.)

Em alguns casos, observamos que a oferta de acesso a esse tipo de tecnologia às classes menos privilegiadas ainda depende de iniciativas isoladas de instituições do terceiro setor ou de políticas públicas demagógicas, as quais, na maioria dos casos, não têm continuidade (manutenção de máquinas e das redes de acesso, por exemplo). De qualquer forma, sabemos que esta irregularidade ou desigualdade de acesso ainda se dá, geralmente, por questões políticas ou econômicas.

Schaff<sup>9</sup> já apresentava, em 1996, uma previsão da crise mundial no sistema bancário e das novas formas de trabalho nas primeiras décadas do século XXI. Já apontava igualmente a tendência para a adoção dos “*home offices*” e também da necessidade de pensar sobre as novas formas de conceber o trabalho e, conseqüentemente, os modelos de educação e formação para o trabalho.

A relação da economia com os avanços tecnológicos e com a formação humana para o trabalho é estreita, porque, se não sabemos como serão as novas formas, não podemos formar pessoas para nenhum tipo de trabalho, com a certeza de que vamos conseguir atender as demandas. Tudo é mutável, tudo é provisório e tudo acontece muito rápido.

Isso não significa não saber que os princípios da política, influenciam ou até mesmo determinam as ações que envolvem os processos de formação humana. O que se discute aqui são os impactos das transformações sofridas na sociedade do informacionismo e, de maneira mais pontual, nos campos da economia, da cultura e da formação humana.

Nesta aula foi possível perceber que alguns autores, pesquisadores e cientistas sociais conseguiram compreender e antever mudanças em todas as esferas da vida humana, algumas que já aconteceram e outras que ainda vão acontecer, em função do impacto das tecnologias digitais de comunicação e informação e sua penetrabilidade no cotidiano da sociedade.

---

<sup>9</sup> SCHAFF, 1996.